



**Feliz Natal**

**e**

**Próspero Ano**

**2010**

## Atividades

### *Base de dados de especialistas*

É importante relembrar que, para executar as propostas apresentadas durante a Assembléia anual da RECLA, no Encontro realizado em São Paulo, e com o objetivo de facilitar o intercâmbio de docentes através da Rede, estamos consolidando uma base de dados de professores especialistas com ampla experiência em temas de caráter internacional e com trajetória acadêmica reconhecida. O propósito dessa iniciativa é facilitar, às instituições afiliadas, a aproximação e o acesso às diferentes áreas do saber, estabelecer sinergias e promover o trabalho conjunto entre os associados, para que possam agregar valor a seus programas.

Para garantir o exercício são desta iniciativa, enfatizamos que os possíveis contatos se façam dentro dos parâmetros éticos e institucionais, de maneira que se garanta o devido acatamento às normas de cada instituição. Agradecemos novamente sua cooperação.



## ***XV Encontro Internacional da RECLA***

O evento terá lugar na cidade de Santo Domingo, República Dominicana, entre os dias 13 e 17 de julho de 2010. Nessa ocasião, a instituição anfitriã será a Universidade Tecnológica de Santiago – UTESA, e a sede do Encontro será o Hotel Oásis Hamaca. Através da RECLA, será designado um comitê de apoio acadêmico, formado por representantes de oito das universidades associadas.

Em princípio, e de acordo com o Comitê Executivo da RECLA, o comitê de apoio acadêmico propôs que se abordem temas relacionados com as tecnologias da informação e da comunicação, aplicadas à educação continuada. Espera-se que no mês de março de 2010 esteja definido o conteúdo temático do Encontro. Esperamos contar com a presença de todas as instituições que têm participado nos últimos anos e daquelas novas que estejam interessadas em aprofundar-se nessa importante temática.

## **NOTÍCIAS**

### ***Muda a logomarca da RECLA***

Durante o passado XIV Encontro Internacional da Rede, o Sr. Marco Lorenzatti, Secretário de Educação Continuada da Universidade Blas Pascal, de Córdoba, Argentina, propôs-se a enviar algumas alternativas de atualização da logomarca da RECLA. Graças a esse redesenho atualizado, cortesia da Universidade Blas Pascal e selecionado pelo Comitê Executivo da RECLA, a Rede conta agora com uma imagem mais moderna e de acordo com seus aspectos mais característicos.

O presente boletim apresenta, pela primeira vez, essa nova logomarca.



## ARTIGOS

### **“RECLA: uma reflexão para atingir o equilíbrio”**

**María Pérez Yglesias, Vice-Reitora de Ação Social da**

**Universidade da Costa Rica. Diretora-Vogal da RECLA.**

O conceito de “*educação continuada, permanente, ao longo da vida*” adquire uma relevância especial na última década, junto a noções como “*sociedade do conhecimento*”, ou “*sociedade da comunicação e da informação*”. Um desacordo entre alguns organismos internacionais, governos e universidades, sobre a relevância da educação formal, em seus diversos níveis, sobre seu papel nas sociedades e sobre a legitimação da educação continuada como opção importante, leva à discussão sobre a educação de adultos, a educação formal e a informal (ambas abarcadas pela informal) e a educação à distância ou semi-presencial, como oportunidades para ampliar a cobertura e contribuir para um desenvolvimento com maior equidade e inclusão.

#### **As discussões internacionais: gasto ou investimento**

Em 1994, aparece o documento do Banco Mundial “*Educação Superior: as lições da experiência*”, onde se pleiteia, com uma visão claramente economicista da educação superior, deslocar o investimento do Estado, do nível superior a outros níveis do ensino. Essa estratégia não é aceita pela Conferência Mundial sobre Educação Superior (Paris, 5 a 8 de outubro de 1998), onde se defende o investimento estatal nas universidades e o aporte destas na promoção de um desenvolvimento social pertinente, com equidade. O Banco Mundial muda sua perspectiva, primeiramente outorgando ao mercado “a direção das universidades”, através de suas demandas e, mais adiante, reconhecendo, em *Educação superior em países em desenvolvimento: perfil e promessas, 2000*, “que os retornos sociais do investimento (ES) são substanciais e superam os retornos privados, por uma margem superior à que antes se estimava”. Já em 2002, inicia seu trabalho sobre a sociedade do conhecimento (*Construindo sociedades do conhecimento: novos desafios para a educação terciária*) e sobre a educação terciária, voltando as universidades públicas a ter importância.



As conferências mundiais sobre educação superior convocadas pela UNESCO (Paris, 5 a 8 de outubro de 1998 e 5 a 8 de julho de 2009) reconhecem o papel primordial das universidades no desenvolvimento de uma sociedade mundial do conhecimento, tornando-se fundamentais as novas tecnologias, a educação como um processo continuado, permanente e para toda a vida, a qualidade e a pertinência, a colaboração em redes internacionais e a busca de um desenvolvimento social baseado em humanismo, ética, crítica construtiva, paz, inclusão e equidade. A educação de adultos passa da concepção de “alfabetização” para a de “aprendizado ao longo da vida, dirigido aos desafios do século XXI” (IUAL-UNESCO, México, 10 a 13 de setembro de 2008, e Conferência Internacional de Educação de Adultos – CONINTEA VI, Belém, Brasil, 19 a 22 de maio de 2009). A polêmica se dá entre conceber a educação como um gasto ou como um investimento, como um direito ou bem social, ou como um negócio.

### **RECLA: gestão, políticas, desenvolvimento e visão empresarial**

Três anos antes de decretar-se o *Ano Europeu da Educação e da Formação Permanente* (1997), a Rede Columbus (Europa e América Latina) forma uma comissão especial para avançar no tema da educação continuada, promovê-la nas universidades, a partir de políticas e estratégias claras de gestão, estimular a colaboração internacional e a criação de uma associação latino-americana de universidades interessadas em cooperar e apoiar a qualidade do ensino. Em 1997, em Bogotá, apresenta-se uma proposta de regulamento e, um ano depois, no México, aprovam-se os estatutos e elege-se o primeiro Comitê Executivo da Rede de Educação Continuada da América Latina e da Europa.

A RECLA realiza, desde 1994, um encontro anual temático (com exceção do primeiro, no Brasil), dos quais, dois se realizam na Península Ibérica e treze na América Latina. Participam universidades públicas e privadas e privilegia-se a educação continuada em sua versão mais profissional, a inclusão social, passa-se pela estratégia de mercado, pela responsabilidade empresarial, a formação e a gestão de centros, e as novas tecnologias são visualizadas como possibilidade de desenvolvimento.



Como muitos recordarão, nos cinco primeiros anos, privilegiam-se os eixos de gestão dos centros de educação permanente (Chile, 1995), o mercado (Colômbia, 1997), a formação à distância (México, 1998) e o papel dos recursos humanos responsáveis (Argentina, 1999). Em 2000, dois anos depois da primeira conferência mundial em Paris, o encontro é realizado em Portugal e se assume uma problemática diferente: a negociação e a gestão do conflito. Na reunião de Costa Rica, privilegia-se o trabalho por INTERNET, no Brasil novamente a gestão, e na Colômbia, em 2003, amplia-se o espectro com avaliação, credenciamento e formação empresarial. A partir desse momento, o tema da educação continuada no setor privado adquire enorme relevância. O tema empresarial se repete no México, desta vez relacionado com talentos e competências e, no Peru, relacionado ao ambiente de trabalho. Em 2006, no Equador, fortalece-se a problemática da vinculação empresa-universidade, que se pondera em Barcelona, no marco da responsabilidade social.

O XV e último encontro, realizado no Brasil (2009), introduz a temática das “boas práticas”, em um sentido mais amplo, embora continue a preocupação com as novas tecnologias e o vínculo remunerado com o setor externo.

É evidente que a tendência das oficinas, nos últimos anos, foi fortalecer o vínculo das universidades com o setor externo, com ênfase no empresarial, e não a de conceber-se a educação continuada, permanente e para toda a vida, como uma estratégia para progredir em inclusão, promover a mobilidade social e a melhoria da qualidade de vida das maiorias. Quatro dos últimos cinco encontros – exceto o apoiado pela Universidade de São Paulo – foram realizados com o concurso de universidades privadas de prestígio, o que possivelmente indique um viés para a educação continuada remunerada, como via fundamental de desenvolvimento.

### **Formação, competências, mudança de mentalidade**

A educação ao longo da vida perfila-se como **formação**, como busca de **competências** (conhecimentos, atitudes e habilidades num contexto), em língua materna e línguas estrangeiras; em matemática, ciências e tecnologia digital; em habilidades interpessoais, interculturais e sociais; em expressão cultural; em “aprender a aprender” e em iniciativa (*Proposta de Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho de Competências-chaves para o Aprendizado ao Longo da Vida – Bruxelas, 10/11/2005*).



Generalizar a educação ao longo da vida implica o fortalecimento do diálogo entre gerações, o acesso a culturas diversas, uma participação ativa dos habitantes, uma nova visão das relações estudo-trabalho, o rompimento da dicotomia (uns aprendem, outros ensinam), e implica reformar – ampliar, mudar, diversificar – os espaços de educação não formal, dentro das universidades. A decisão de legitimar e ponderar a educação não formal, ao lado da formal, fortalece a democracia – equidade e inclusão – e muda as estruturas mentais que hierarquizam o conhecimento. As pessoas adultas e as adultas mais velhas começam a demandar – não apenas necessitar – espaços próprios para a educação, e espaços de ensino e aprendizado destinados a cumprir esse objetivo formalizam-se ou se fortalecem.

Ao romperem-se os moldes tradicionais e aceitar-se a mudança, abrem-se novos caminhos para quem, sem ser especialista em educação, tem muito a ensinar e a aprender dos outros. A universidade da vida (ensino formal e não formal), a universidade popular aberta, para todas e todos, adquirem uma dimensão diferente.

As instituições de educação superior – sobretudo as públicas – multiplicam as opções de informação e de formação, mediante cursos abertos e outras opções educativas, não conduzindo a títulos, para pessoas que não tenham requisitos acadêmicos para ingressar em uma carreira. No âmbito profissional, pondera-se a importância do interdisciplinar, do diverso, do aprofundamento e da especialização do conhecimento, que complemente e permita um melhor desempenho na vida profissional. Além dessa busca de uma complementação para o trabalho, há maior interesse, e com mais frequência, em temas que facilitem a vida pessoal e familiar, em relação ao entorno e, sobretudo, que permitam o desenvolvimento pessoal ou simplesmente abertura de horizontes e a satisfação de interesses particulares.

Nas universidades, abre-se grande quantidade de opções a profissionais que não queiram optar por estudos formais de pós-graduação – ou já os fizeram – e desejam ou necessitam melhorar ou aprofundar conhecimentos. Esses cursos (individuais ou modulares, presenciais, bimodais ou à distância) de atualização, aprofundamento de conhecimentos ou aquisição de novas habilidades técnicas convertem-se em indispensáveis para o mundo profissional.



Esse desenvolvimento universitário fortalece-se de maneira tal que as estruturas existentes resultam insuficientes ou inadequadas e pensa-se em outras formas de organização e gestão. Muitas vezes, centralizam-se as atividades em um departamento, seção ou escritório, ou trabalha-se como “sistema em rede” com as diferentes unidades acadêmicas.

### **A educação ao longo da vida: em busca do equilíbrio**

A tendência de fortalecer este ramo da ação social ou a extensão passa pela discussão econômica e pela discriminação, ou não, de setores vulneráveis, em favor de cursos para profissionais (instituições, empresas).

Uma de nossas preocupações atuais é que algumas instâncias parecem dedicar-se exclusivamente – ou quase – a oferecer cursos de atualização e aprofundamento de conhecimentos às pessoas que possam pagar, e a educação continuada corre o perigo de converter-se somente em uma fonte de recursos ou em um “negócio”, e não em um serviço coletivo que abra, a diversas comunidades, oportunidades de educarem-se ao longo de sua vida. Essa decisão - que, segundo alguns, toma-se por necessidade, por serem insuficientes os recursos institucionais, e se justifica como um apoio a projetos “mais acadêmicos”- distorce a idéia original e não aposta, nem na inclusão, nem na equidade, nem na melhora da qualidade da vida coletiva.

A Universidade da Costa Rica, através da ação social – extensão docente – trata de encontrar um equilíbrio entre as opções e oferece cursos e oficinas com vinculação remunerada, outros financiados com recursos adicionais, ou co-financiados pelos estudantes, e trata de fortalecer – quantitativa e qualitativamente – os cursos a custo muito baixo ou gratuitos. Esta última opção cobre a educação continuada para populações vulneráveis, a destinada a formar melhor os que trabalham em comunidade ou a que, por diversas razões, a instituição considera prioritária, academicamente.

Valha a reflexão no marco da RECLA, uma Rede que dá muita importância à participação e que, com suas discussões, pode orientar o futuro das atividades e seu impacto no desenvolvimento social.





## **Avaliação do impacto da educação continuada e as perspectivas da educação virtual como um desafio para o século XXI**

**Beatriz Elena Castaño**

**Diretora do Sub-centro de Educação Continuada de Ciências Sociais e Educação**

**Pontifícia Universidade Javeriana, Bogotá**

Na América Latina, falar de avaliação de impacto significa conhecer os efeitos de um projeto ou de um programa, no nosso caso de Educação Continuada, para verificar pertinência, eficiência, eficácia e sustentabilidade de todas as atividades realizadas, formuladas desde seu planejamento, com objetivo e propósito determinados, através de uma programação que responde às necessidades concretas da capacitação em nossos países, às realidades e problemáticas assumidas com responsabilidade e compromisso, por cada uma das instituições de ensino superior que contam com esta modalidade de educação não formal.

O processo de avaliação dos programas de educação continuada, de monitoramento e de acompanhamento permanente no tempo deve cumprir com a finalidade de melhorar e reorientar o planejamento da oferta, considerando os efeitos positivos e negativos que se tenham apresentado em pessoas, empresas e instituições que nos contratam, para detectar, com elas, o grau de benefício para a comunidade ou para o grupo social.

Determinar se um programa de educação continuada produziu o impacto desejado nas pessoas, nos lares e nas instituições não é uma tarefa fácil. Os efeitos que se atribuem a um programa, em muitos casos, na nossa modalidade, somente são percebidos pelo grau de fidelidade dos nossos clientes, que se encarregam de socializar, por canais formais ou informais de comunicação, seus êxitos e conquistas nas metas propostas, que tiveram como ponto de partida um processo de formação, através de cursos de atualização.





Solucionar problemas, promover mudanças e intervir de forma responsável em uma sociedade implica assumir desafios em educação continuada, que hoje nos põe de frente com a perspectiva de uma oferta virtual de programas, para aproveitar o uso da Web 2.0 como ferramenta e estratégia de ensino e aprendizado, assim como uma oferta de espaço para entrar em novos esquemas de marketing dos programas, utilizando todas as possibilidades das novas tecnologias da informação e da comunicação.

A capacidade de gerar conhecimento em ambientes virtuais de aprendizado, que respondam a princípios de qualidade, com a possibilidade de maior cobertura, implica, para a educação continuada, assumir o desafio de novas metodologias, com tecnologias que permitam aos participantes desenvolver suas competências, por meio da construção reflexiva de novos saberes, que são enriquecidos pelo trabalho colaborativo e pela integração grupal, que as plataformas permitem.

A demanda de formação permanente virtual, em nosso continente, é crescente e convida a dar-se uma olhada no que estamos ofertando à nossa sociedade. A conceituação dos programas, as características dos ambientes virtuais de aprendizado, os processos de tutoria, de avaliação e de acompanhamento de participantes virtuais, e a qualidade do serviço são aspectos que devemos considerar, se quisermos medir o impacto dos programas de educação continuada.

Pertinência, efetividade, eficiência e sustentabilidade de programas de educação continuada em cada universidade são aspectos que se devem apresentar como resultados a compartilhar com o grupo de universidades que conformam a RECLA, para conhecer os efeitos dos programas, em relação às metas, aos recursos e aos benefícios obtidos pela comunidade, para dali, analisar sua durabilidade e sustentabilidade no tempo. A projeção de programas virtuais em educação continuada se enriqueceria com o aprendizado e a socialização da experiência que se adquiriu nos últimos anos, em que a utilização da Web 2.0 chegou a uma população maior, em nossos países, com temas que respondem especificamente a problemas e realidades locais, regionais, nacionais e internacionais.

Impacto e virtualidade: aspectos relevantes na educação continuada para o século XXI, no contexto latino-americano, se considerarmos nosso trabalho com sentido e responsabilidade.

